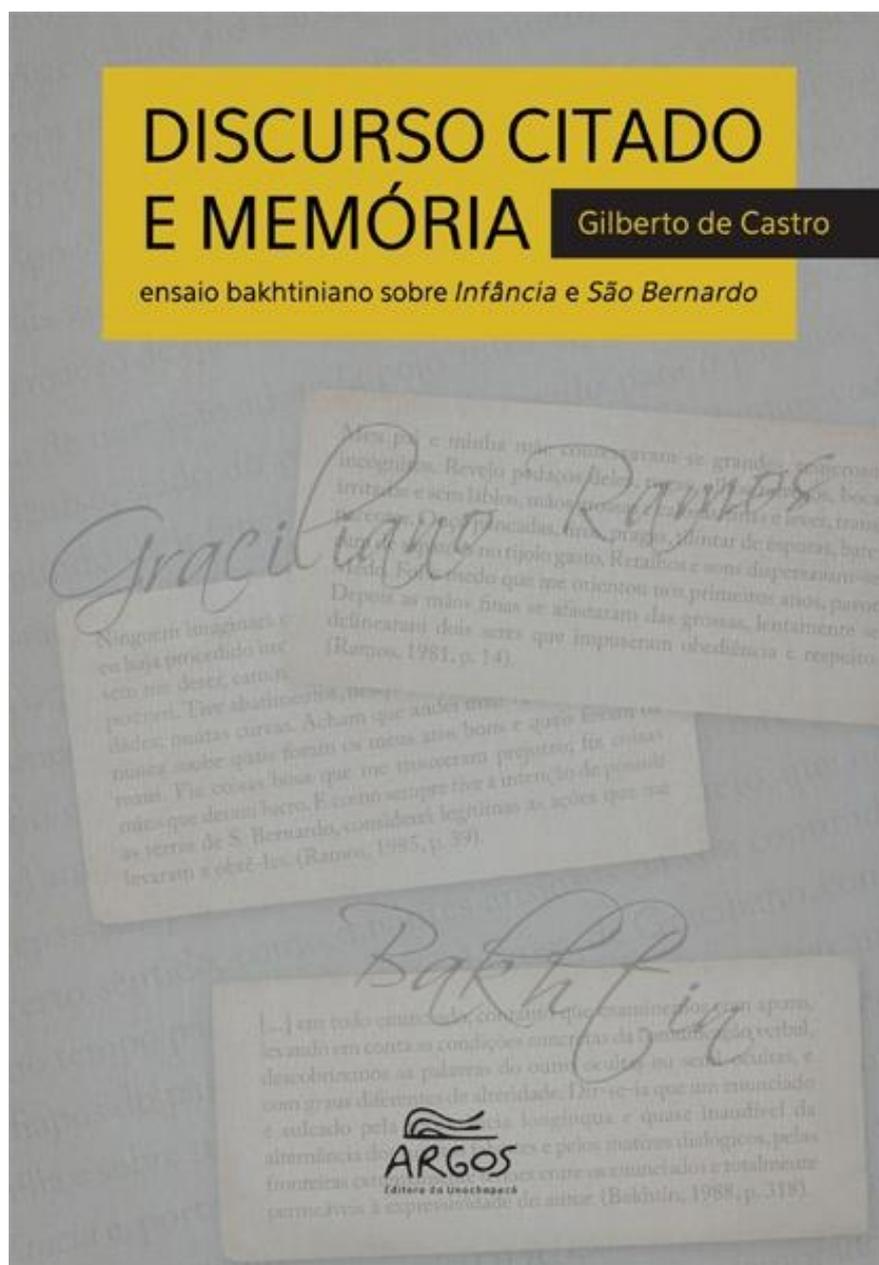


CASTRO, Gilberto de. *Discurso citado e memória* – Ensaio bakhtiniano sobre *Infância e São Bernardo*. Chapecó: Argos, 2014. 158 p.

Sandra Mara Moraes Lima*



*Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo - SEDU-ES; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, Brasil; sandralima605@gmail.com

Essa obra de Gilberto de Castro, resultado de sua tese de doutorado, além de proporcionar ao leitor fruição estética, ao trazer um olhar sensível para as duas obras literárias de Graciliano Ramos, apresenta contundentes esclarecimentos em torno do arcabouço teórico do Círculo bakhtiniano, sobretudo no que diz respeito ao discurso citado que, como bem afirma o autor, raramente são objetos de estudos e análise.

Lendo o livro de Castro, compreendemos que essa lacuna se faz grave, uma vez que, segundo o autor, o discurso citado, não apenas se encontrar preponderantemente integrado à teoria da linguagem elaborada pelo Círculo, como é um dos elementos fundamentais para compreensão do caráter ontológico da linguagem, bem como da ordem do discurso.

O leitor se depara na obra com uma ampla abordagem do que vem a ser o discurso citado, caracterizado como o encontro de vozes que forja o discurso, demonstrando que é por meio dos processos de citação e referência às palavras de outrem que o discurso se organiza. Nesse contexto, o autor deixa clara a perspectiva teórica do Círculo, cuja abordagem não se atém aos aspectos formais da linguagem: “[...] falar em *discurso citado* não significa tratar de mera justaposição de vozes, ideias, pensamentos, mas antes pensar numa abordagem ampla do *encontro vocal sem que deixemos de lado a sua dimensão ideológica e valorativa*” (p.39 – grifos do autor).

Importa considerar, no que diz respeito ao discurso citado, que o romance oferece o ambiente privilegiado para esse estudo, uma vez que o texto romanesco possui uma

[...] estreita ligação com a vida, manifestada na absorção intensa e sensível da multiplicidade dos demais gêneros discursivos (simples e complexos) e das diferentes visões de mundo, que o romance acabou se transformando na fonte empírica mais importante para o estudo dos processos de citação (p.43).

Castro se debruçou sobre duas narrativas de Graciliano Ramos, densas e consagradas, apresentando, no primeiro capítulo, as bases teóricas do trabalho e, nos demais capítulos, uma análise minuciosa das formas de citação no gênero autobiografia que caracteriza tanto *Infância* quanto *São Bernardo*.

No tocante ao embasamento teórico, dá a conhecer as diversas formas de citação da palavra alheia, trazendo o argumento de Bakhtin sobre a importância da citação no quadro geral da comunicação, uma vez que, segundo o teórico russo, pelo menos metade

de todas as palavras, no cotidiano das pessoas, é de outrem. Nesse sentido, o autor, de maneira fecunda para os estudos da linguagem, deixa esclarecida a perspectiva bakhtiniana que, mais do que qualquer outra coisa, busca expor o aspecto metodológico de análise da linguagem. Isso significa que a preocupação é de compreensão do caráter ontológico da linguagem e não a catalogação de formas esquemáticas. A essa proposta do Círculo, o autor pretende ser fiel, apresentando uma teoria que esteja embasada substancialmente na essência da linguagem.

Nessa direção o livro esclarece, com didatismo e síntese, o processo do discurso citado que encontra suas formas gramaticalizadas socialmente, integrando-se à narrativa, basicamente de duas formas: em *estilo linear* e em *estilo pictórico*. No primeiro, a fronteira que delimita a citação é bem estabelecida, preservando integralmente o discurso de outrem. O segundo caracteriza-se por uma elaboração mais sutil, facultando ao enunciador interferir, imprimindo ao discurso citado o tom apreciativo do narrador.

Nesse contexto, ainda no primeiro capítulo, o autor pontua a análise efetuada por Volochínov em relação aos textos literários russos, onde são enumeradas algumas variantes do discurso direto e indireto, situando as especificidades estilísticas de cada um. Castro esclarece pormenorizadamente - amparado nas análises de Volochínov dos fragmentos de textos literários russos - o processo de funcionamento, primeiramente das variantes do discurso indireto - *discurso indireto analisador do conteúdo (DIAC)*, *discurso indireto analisador da expressão (DIAE)* e *discurso indireto impressionista (DII)*; - e posteriormente passa a tratar de algumas variedades do discurso direto - *discurso direto preparado (DDP)*, *discurso direto esvaziado (DDE)*, *discurso direto retórico (DDR)* e *discurso direto substituído (DDS)*, sendo este último muito próximo do *discurso indireto livre (DIL)*.

No segundo capítulo - A voz abrangente: o discurso citado em *Infância* e *São Bernardo*, Castro analisa as formas de citação nos romances de Graciliano Ramos, partindo do caminho teórico construído, em que apresentou as formas abordadas por Volochínov, trazendo, com originalidade e clareza, uma ampliação da teoria ao designar algumas formas de citação, especialmente quando trata do discurso direto constituidor (DDC) como discurso revelador da visão de mundo do narrador. Em *Infância*, segundo o autor, Graciliano Ramos evidencia, por meio desse discurso (DDC), a visão de mundo acerca de seu passado como um mundo onde preponderava a brutalidade, o despotismo e

o preconceito, sem lugar para a bondade, generosidade e sensibilidade. E as formas de citação que ocorrem nessa obra - discurso indireto livre (DIL), discurso direto esvaziado (DDE), discurso indireto indeterminado (DII), discurso indireto elíptico (DIE) - apontam para uma fuga dos diálogos, o que significa que as falas alheias que aparecem no texto de Ramos estão a serviço de colorir, dar o tom do discurso constituidor do narrador, revelando uma estratégia de obnubilar a voz das personagens, controlando o que elas dizem.

São Bernardo, de acordo com Castro, apresenta uma narrativa bem diversa de *Infância*, com enredo regular e formas de citação bem mais simplificadas. Entretanto, a maneira de organizar o discurso, em que o discurso direto constituidor (DDC) revela o acabamento e as marcas da visão de mundo do narrador, é semelhante ao que ocorre em *Infância*. Também em *São Bernardo* o narrador volta ao passado para reconstituir sua história e o tom emocional-volitivo desse narrador expressa o perfil de um homem endurecido, frio, calculista, autoritário e sem escrúpulos para atingir seus objetivos.

Na narrativa de *São Bernardo* predomina o discurso direto, cunhado por Castro de discurso direto dialógico (DDD), havendo raros momentos do discurso indireto. No entanto, segundo o autor, presencia-se, no meio do discurso direto dialógico, a intercalação do discurso indireto, designado pelo ensaísta de discurso indireto dialógico (DID), tendo em vista a função dialógica que esse discurso promove no discurso direto dialógico em que se insere.

Confirmando o caráter analítico e teórico, o livro de Castro esclarece também, de maneira inusitada, que há outra forma de citação no meio dos diálogos, denominada pelo ensaísta de discurso direto repetido (DDRe), forma em que o narrador repete a fala da personagem explicitada no discurso direto de modo a expressar uma crise ou conflito vivido pelo narrador, especialmente nos momentos em que o narrador experimenta o sentimento de ciúmes por sua esposa Madalena.

Outra de forma de citação descrita por Gilberto Castro também frequente em *São Bernardo*, é o discurso direto esvaziado (DDE), que ocorre como uma maneira de contextualização, uma expressão de um sentimento ou uma exclamação, evidenciando o tom do que está sendo narrado e aparece, mais enfaticamente, tal como o DDRe, nos momentos de crise vividos pelo narrador com sua mulher Madalena.

O autor encerra o segundo capítulo concluindo que, embora o romance *São Bernardo* apresente diferença em relação à obra *Infância*, há muita semelhança na forma de conduzir a narrativa dos dois enunciados, pois ambos revelam um narrador que monopoliza as falas de modo a dar o tom de seu depoimento, de sua história, evidenciando o centralismo da narrativa e, tanto em *Infância* como em *São Bernardo* “Todas as formas de citar estão, assim, a serviço deste narrador centralizador – autor/narrador no primeiro caso e narrador/personagem no segundo caso” (p.125).

No terceiro e último capítulo, o autor retoma a teoria bakhtiniana acerca da polifonia, asseverando que Bakhtin considerar Dostoiévski como criador de uma nova modalidade romanesca não coloca o romance polifônico acima das demais obras literárias, isto é, não diminui o valor dos romances que não se enquadram na categoria de polifônicos. Nesse contexto, tanto *Infância* quanto *São Bernardo* são discursos autobiográficos, construídos em narrativa de primeira pessoa, cuja perspectiva e visão de mundo preponderante, ao contrário do romance polifônico, é a do narrador. E, sendo as duas narrativas autobiográficas, a forma de citar, promovendo uma perspectiva centralizadora do narrador, é inevitável, é condição desse gênero de prosa literária. “A autobiografia é, portanto, uma narrativa autocentrada na figura do narrador, fazendo com que a sua voz ecoe mais forte do que todas as outras, dominando-as e submetendo-as ao seu monopólio avaliativo” (p.131). O objetivo dos narradores em questão, segundo o autor, não está centrado no interesse em discutir o tema, nem dialogar com as supostas falas citadas, mas construir a narrativa no sentido do desabafo, o que estabelece uma perspectiva diferente da que ocorre numa estética polifônica.

E, considerando a diferença entre as duas obras no que diz respeito à ficcionalidade, embora em *Infância* haja a constatação de que a obra se refere à vida do escritor, assumindo um caráter de veracidade, segundo o ensaísta, isso não é suficiente para gerar diferença entre a narrativa autobiográfica das obras, uma vez que, “Do ponto de vista da constituição do gênero autobiográfico, parece que o que é mais significativo, não é o efeito de realidade que se pode criar [...] mas muito mais a perspectiva narrativa assumida por quem conta a história” (p.144).

São retomadas, com síntese e clareza excepcionais, nesse capítulo, as análises efetuadas nas formas de citação das obras de Graciliano selecionadas, reiterando, primeiramente em *Infância* e depois em *São Bernardo*, que todo o conjunto de citações é

estratégia de obscurecer e diminuir a liberdade das vozes citadas, passando parte da responsabilidade das palavras citadas para o narrador, uma vez que ele conta sozinho os fatos passados. É esse posicionamento, expressando a visão de mundo forjada a partir das experiências, nascida das memórias, tanto do autor Graciliano Ramos como do narrador-personagem Paulo Honório, que Castro designa, como já mencionado, como discurso direto constituidor (DDC).

Enfim, o ensaio de Gilberto Castro traz para estudiosos da linguagem, pesquisadores, leitores interessados nas questões discursivas e no gênero discursivo uma potente contribuição teórica acerca do discurso citado e, sobretudo, acerca do gênero discursivo, mais especificamente o gênero da autobiografia. O leitor vai encontrar uma abordagem que esclarece com eficiência e síntese a teoria do Círculo e ultrapassa-a, fornecendo, para os diversos modos de citação, uma nomenclatura original e esclarecedora. O livro também agradará, certamente, aos amantes da literatura brasileira pelo olhar sensível e perspicaz que o ensaísta lança sobre as obras de Graciliano Ramos, proporcionando, ao mesmo tempo, leitura prazerosa e conhecimento teórico. Nesse ponto, a obra é notável por tornar menos densas e demarcadas as fronteiras, às vezes territórios cerrados, entre os estudos da linguagem e os estudos da literatura, promovendo uma abertura que, inevitavelmente, contribui para a compreensão geral dos processos discursivos, sobretudo os modos de citar, em que todos estamos inexoravelmente, sem alibi, submetidos, imersos.

Recebido em 18/05/2015

Aprovado em 26/06/2015